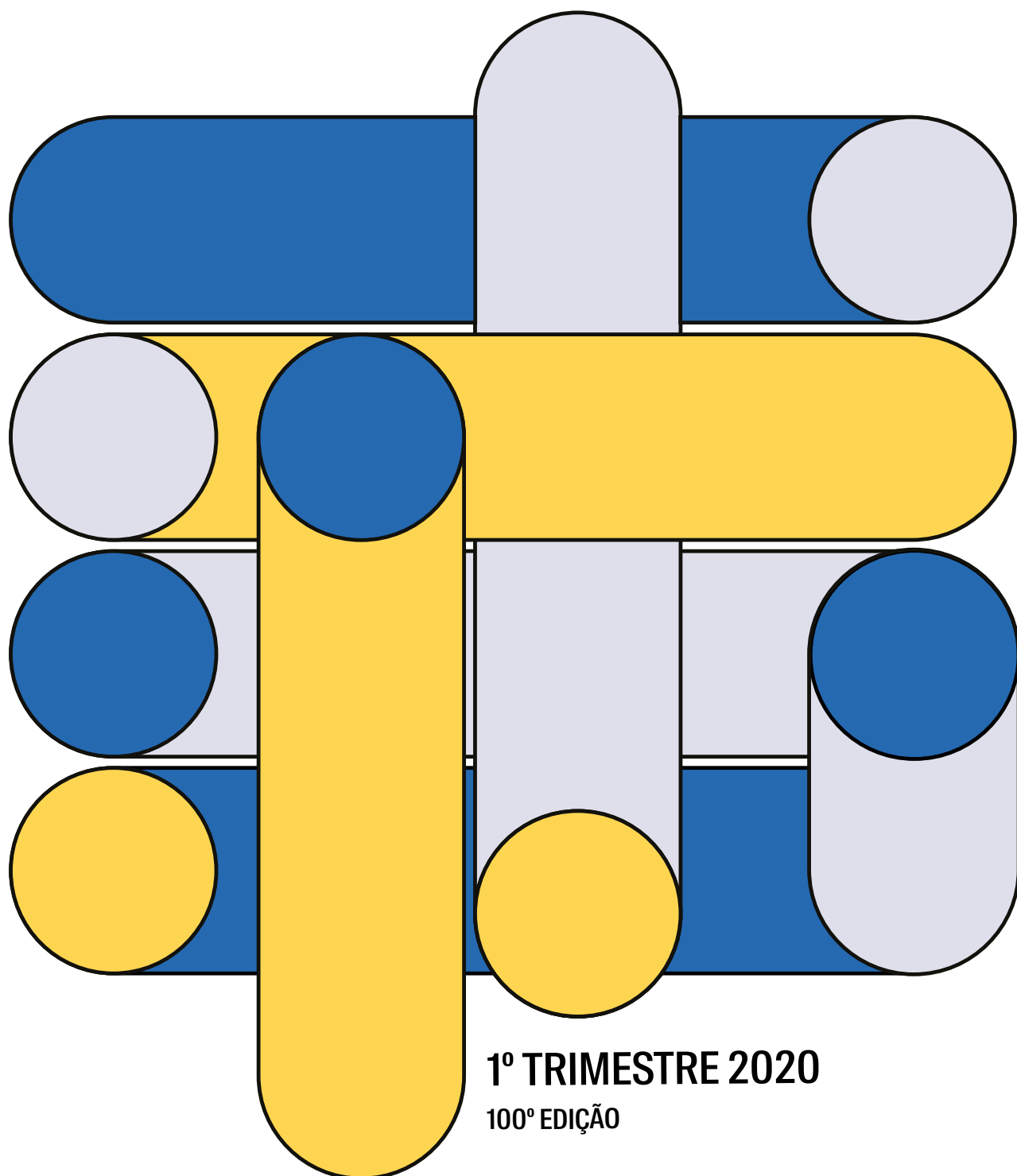


análise trimestral de conjuntura

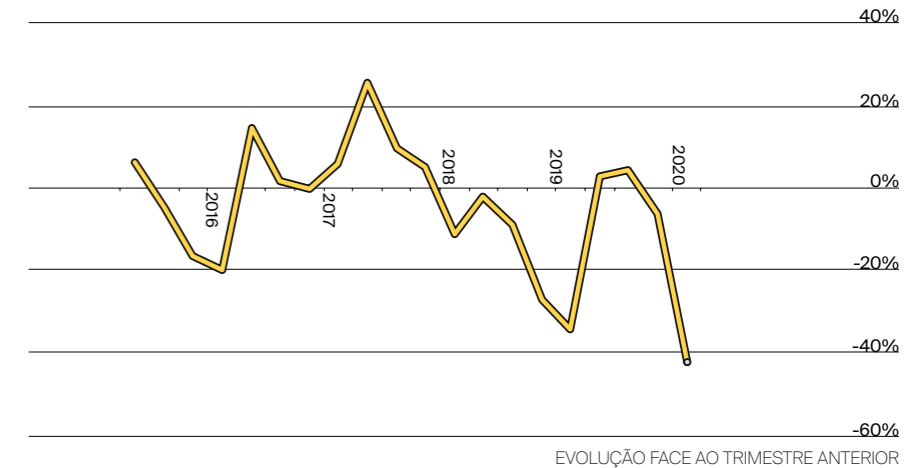


1º TRIMESTRE 2020
100ª EDIÇÃO

à indústria de calçado

produção

A indústria portuguesa de calçado foi seriamente afetada, logo no primeiro trimestre de 2020, pelas perturbações resultantes da pandemia de COVID-19. Mais de metade (54%) das empresas inquiridas declararam que a sua produção baixou enquanto apenas 11% disseram que aumentou. O saldo de -43 pontos percentuais que se verifica entre estas respostas extremas é o mais negativo alguma vez registado neste boletim. A predominância de respostas negativas é comum às empresas de todos os escalões de dimensão e orientação exportadora, mas menos acentuada entre as que se dedicam exclusivamente ao mercado nacional.

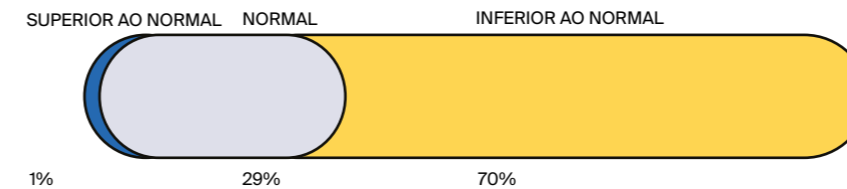


A conjuntura da indústria portuguesa de calçado no primeiro trimestre de 2020 foi inevitavelmente marcada pela crise global de saúde pública. O setor foi confrontado com uma redução abrupta das encomendas que se refletiu na quebra dos níveis de utilização da capacidade e de produção. Os preços de venda manifestaram também tendência de evolução negativa. A apreciação global que as empresas fazem do estado dos negócios degradou-se para níveis que já não se registavam desde 2005.

Por enquanto, a maioria das empresas pôde manter os seus níveis de emprego, mas, ao contrário do que acontecia ainda recentemente, são agora muito poucos os inquiridos que afirmam debater-se com escassez de mão-de-obra, mesmo qualificada.

No segundo trimestre, os problemas existentes deverão agravar-se dadas as restrições à atividade económica inerentes às medidas de contenção da pandemia. Mais de 80% das empresas, uma percentagem inédita, perspetivam que irão ser confrontadas com insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros. As que preveem que o estado dos negócios seja mau excedem em 66 pontos percentuais as que acreditam que possa ser bom.

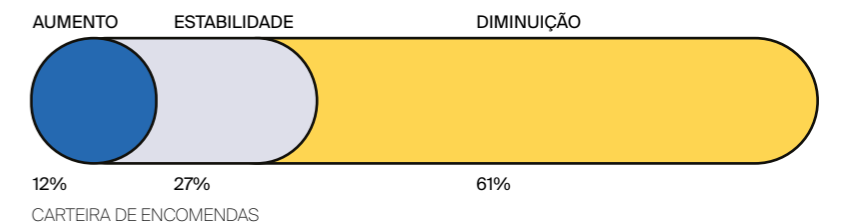
utilização da capacidade



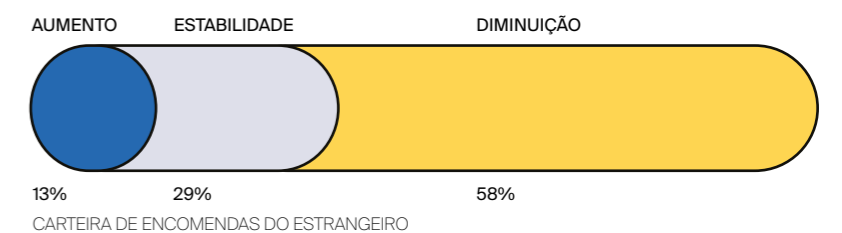
As empresas que consideram que a utilização da sua capacidade produtiva foi normal para a época do ano são menos de um terço das inquiridas, com as restantes a indicarem quase exclusivamente que está aquém do normal (s.r.e. -69 p.p.). Neste contexto, as empresas de maior dimensão e as que se dedicam exclusivamente à exportação são as que, em termos relativos, mais frequentemente consideram que a situação se mantém dentro de parâmetros de normalidade.

carteira de encomendas

O saldo entre as empresas que declararam que a sua carteira de encomendas aumentou e diminuiu atingiu -49 pontos percentuais, o mais negativo na história deste Boletim. Um pouco mais de um quarto das empresas (27%) afirmam, no entanto, que a sua carteira se manteve inalterada. As respostas sobre este tema não apresentam relação com a dimensão dos inquiridos, mas, tal como para a produção, são menos desfavoráveis entre as empresas que se dedicam apenas ao mercado nacional.

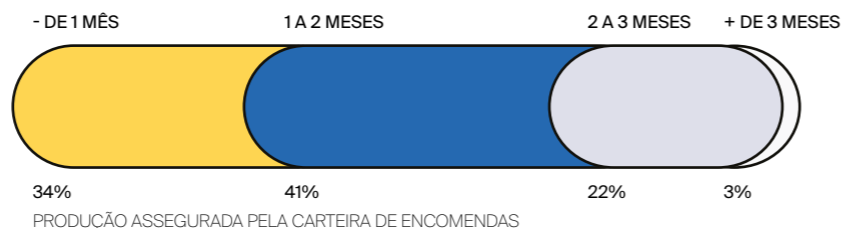


As opiniões relativas à carteira de encomendas do estrangeiro são apenas ligeiramente mais favoráveis, apresentando um saldo de respostas extremas (s.r.e.) de -45 pontos percentuais; 29% das empresas dizem que a carteira estabilizou e 13% que aumentou. As empresas com mais de 250 trabalhadores são as únicas para as quais este saldo não é negativo.



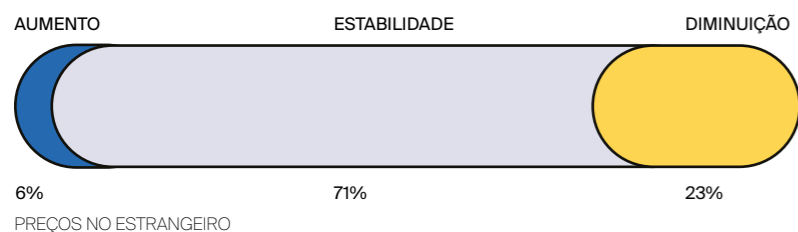
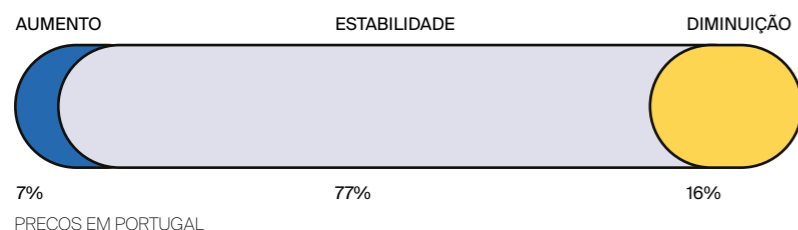
horizonte

Dada esta evolução das encomendas, a percentagem de empresas que dizem ter a produção assegurada para menos de um mês aumentou acentuadamente, para 34%, o nível mais elevado desde 2005, ultrapassando os 50% entre as empresas que se dedicam exclusivamente ao mercado nacional. Este aumento teve por contrapartida a diminuição das que afirmam ter 2 a 3, ou mais de 3, meses de atividade em carteira; a percentagem das que estimam ter encomendas para 1 a 2 meses manteve-se inalterada.



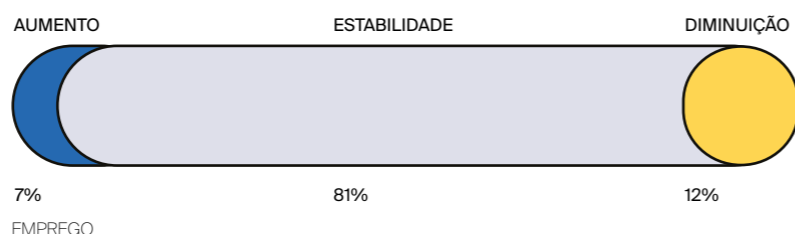
preços

A degradação da conjuntura patente em respostas anteriores não alterou a tendência de evolução dos preços no mercado que se tem mantido quase constantemente negativa ao longo dos últimos dois anos: no primeiro trimestre, as empresas que afirmam que os preços em Portugal desceram superaram em 9 p.p. as que disseram o oposto. O resultado relativo aos preços no estrangeiro é significativamente mais negativo (-17 p.p.) e corresponde a uma brusca inversão face aos saldos positivos dos trimestres anteriores; é também o valor mais negativo que este indicador apresentou desde o início do século.



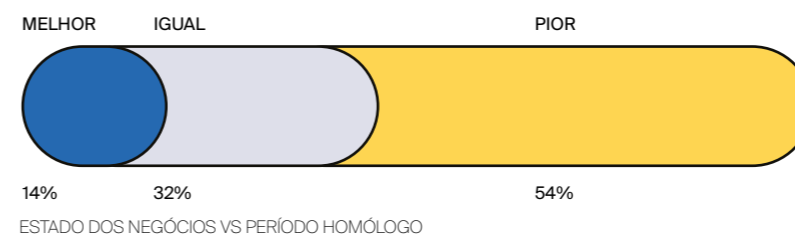
peças ao serviço

A situação conjuntural não teve, no primeiro trimestre, impacto significativo no emprego: a larga maioria das empresas (81%) afirma que o número de pessoas ao seu serviço não se alterou. Entre as restantes, predominam as respostas de sentido negativo, mas o saldo de respostas extremas (-5 p.p.) foi muito semelhante ao registado continuamente ao longo dos últimos dois anos. As empresas que se dedicam exclusivamente ao mercado nacional, que registaram evoluções da produção e encomendas menos desfavoráveis do que as restantes, apresentam até um s.r.e. positivo.



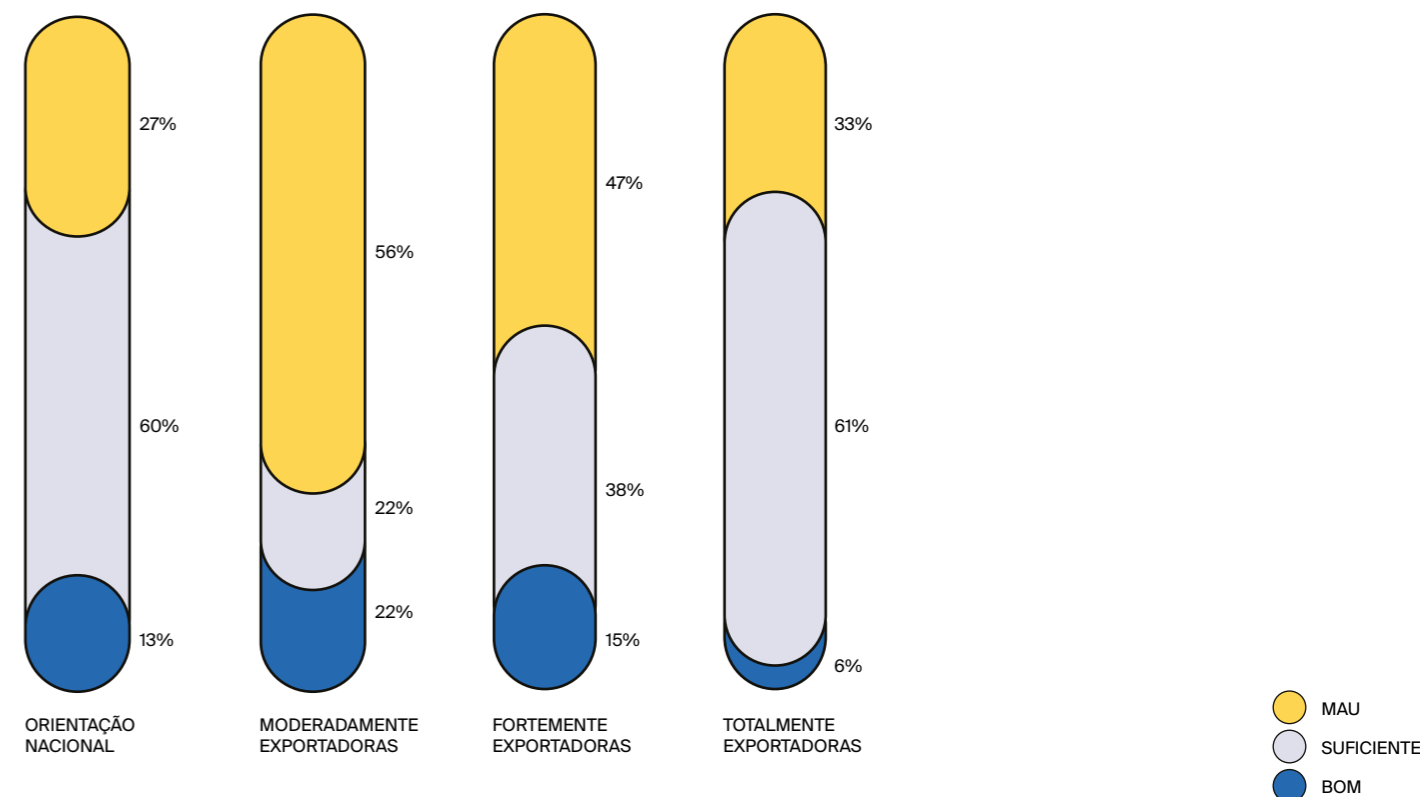
estado dos negócios

Neste primeiro trimestre de 2020, a avaliação que as empresas fizeram da conjuntura sofreu uma acentuada deterioração: embora quase metade das inquiridas (48%) tenham afirmado que o estado dos negócios permaneceu suficiente, as que entenderam que foi mau superaram em 28 p.p. as que consideraram que foi bom; seria preciso recuar até ao primeiro trimestre de 2005 para encontrar um registo tão negativo.



A maioria das empresas (54%) considera também que, o estado de negócios no primeiro trimestre de 2020, foi pior do que no mesmo período do ano anterior. Apesar do súbito agravamento das dificuldades no primeiro trimestre, em função da situação de saúde pública, já nos trimestres anteriores as respostas a esta pergunta vinham a revelar uma tendência de degradação da conjuntura.

Embora a opinião sobre o estado dos negócios seja predominantemente negativa para todos os tipos de empresas, as empresas dedicadas exclusivamente ao mercado nacional fazem uma apreciação menos desfavorável da situação do que as restantes: estas empresas apresentam um saldo de respostas extremas de -14 p.p., enquanto nos restantes escalões de orientação de mercado se registam valores entre -27 e -34 p.p. A apreciação da situação é menos desfavorável entre as empresas com mais de 100 trabalhadores, do que entre as de menor dimensão.



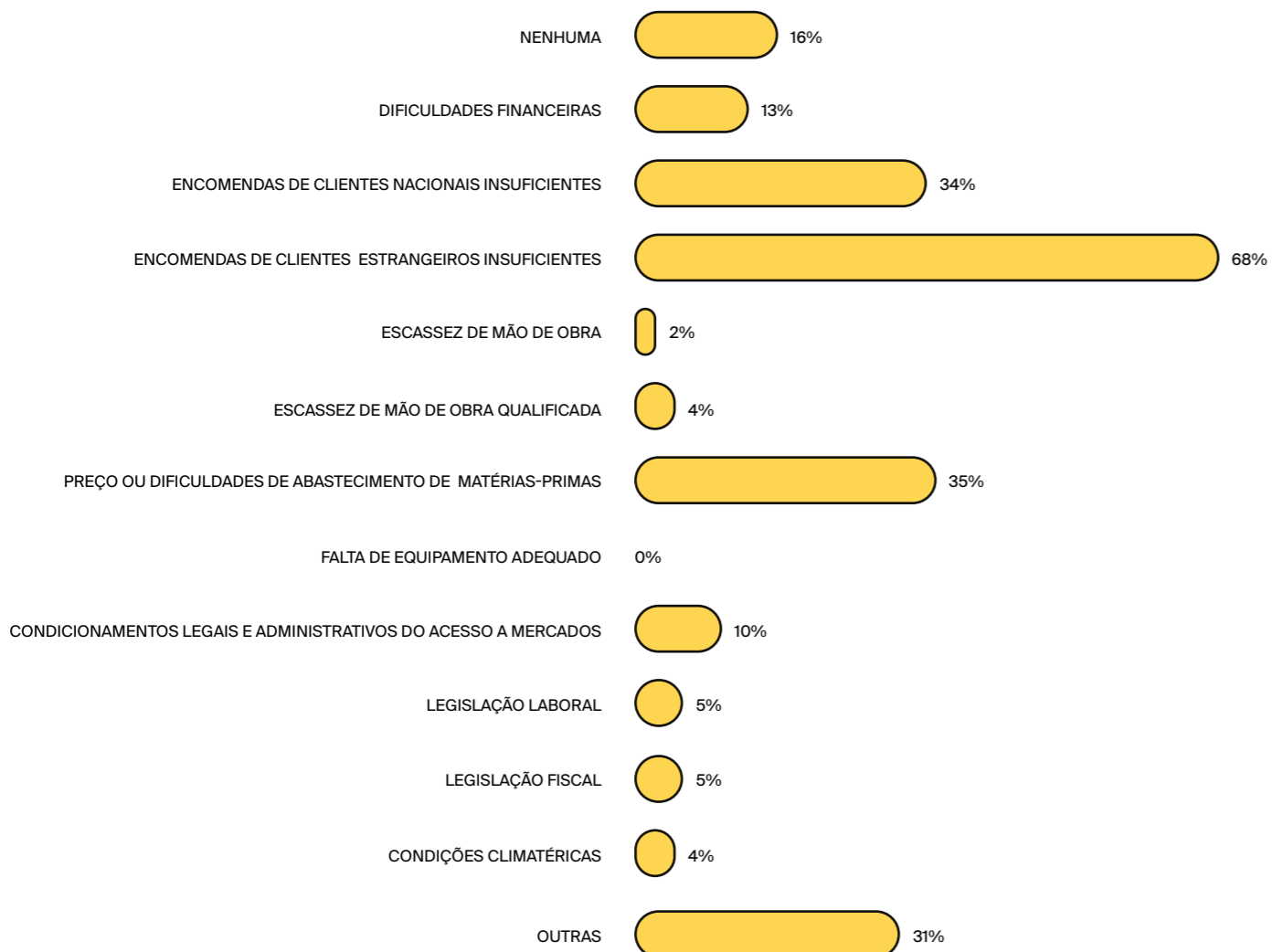
limitações à produção e vendas

A natureza inesperada dos problemas que atingiram a indústria de calçado, e toda a economia nacional, no primeiro trimestre, manifesta-se, neste Boletim, no súbito aumento da percentagem de empresas que se referem a “outras” limitações, não mencionadas no questionário que lhes é apresentado, que passou de 7%, no último trimestre de 2019, para 31%, no primeiro de 2020. A quase totalidade das empresas que indicaram esta opção especificaram estar a referir-se à pandemia de COVID-19, havendo também menções a problemas com seguros de crédito. Em contrapartida, reduziram-se bruscamente as referências às condições climáticas que, ao longo dos últimos dois anos, figuraram entre as principais preocupações setoriais, mas agora foram apenas mencionadas por 4% dos inquiridos.

A primeira limitação do setor continua a ser a escassez de encomendas de clientes estrangeiros, mencionada por 68% das empresas, igualando o máximo de referências alguma vez obtido. As empresas de maior dimensão são as únicas que não referem este tipo de dificuldade. A insuficiência de encomendas de clientes nacionais foi mencionada por 34% dos inquiridos, apenas ligeiramente mais do que no trimestre anterior e longe dos máximos históricos desta variável. Esta limitação afeta principalmente empresas com menos de 100 trabalhadores.

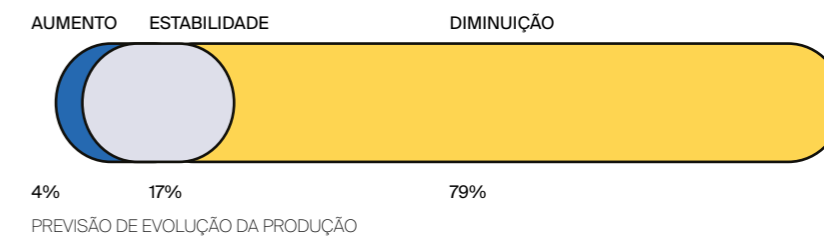
Apesar do abrandamento da produção e das encomendas, o preço ou dificuldades de abastecimento de matérias-primas continuaram a preocupar uma percentagem de empresas (35%) semelhante à de trimestres recentes. O abrandamento da conjuntura teve, no entanto, forte repercussão ao nível dos recursos humanos: neste trimestre, apenas 4% das empresas consideraram que a escassez de mão-de-obra qualificada era um dos seus principais problemas, quando no trimestre anterior esta percentagem atingia 24%. Também as referências a escassez de mão-de-obra, em geral, caíram para apenas 2%, embora, neste caso, continuando uma tendência de redução que foi visível ao longo de todo o ano anterior.

A percentagem de empresas que enfrentam dificuldades financeiras aumentou, mas apenas ligeiramente, sendo agora de 13%, quando tinha sido 12% no final de 2019.



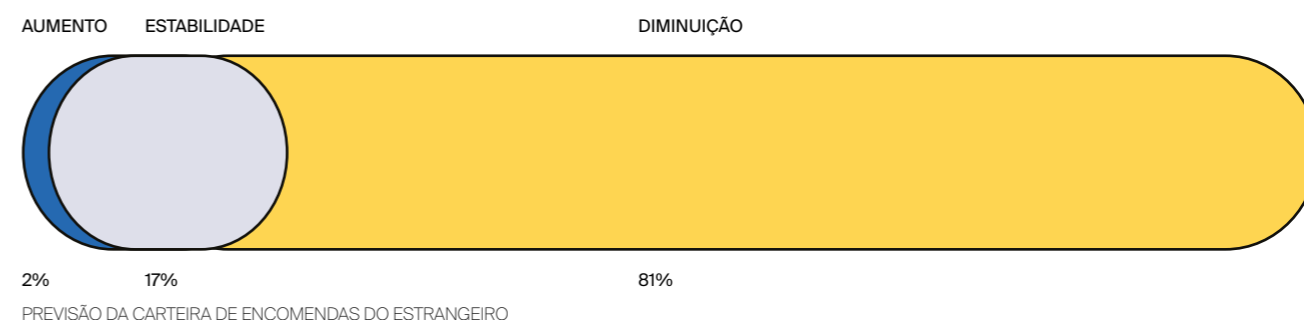
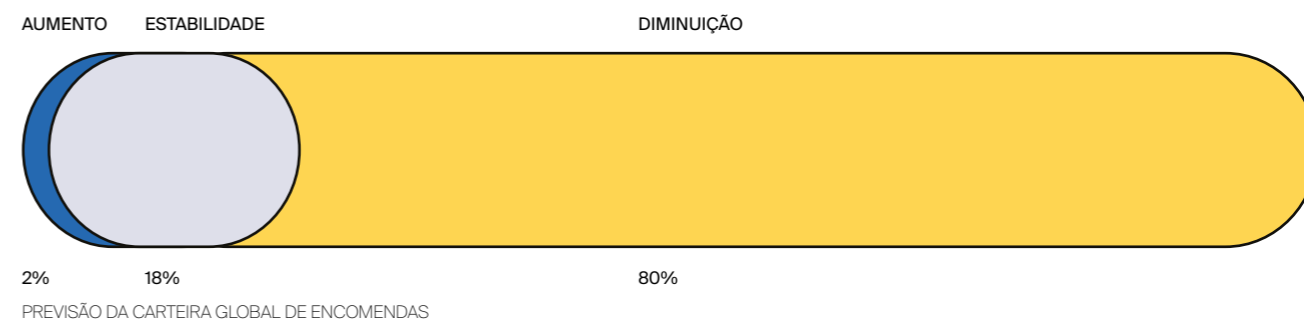
tendência da produção

Embora já se tenha feito sentir no primeiro trimestre, as empresas receiam que o pleno impacto na indústria da pandemia de COVID-19 só se manifeste no segundo trimestre: quatro em cinco inquiridos (79%) preveem que a sua produção vai diminuir e apenas 4% acreditam que possa aumentar, resultando num saldo de respostas extremas sem precedentes de -75 p.p. Neste quadro extremamente desfavorável, as previsões são tendencialmente menos negativas entre as empresas mais orientadas para os mercados externos.



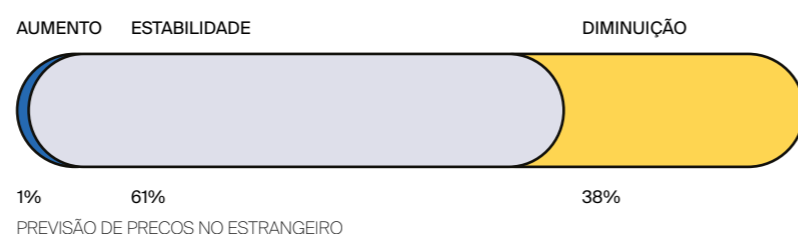
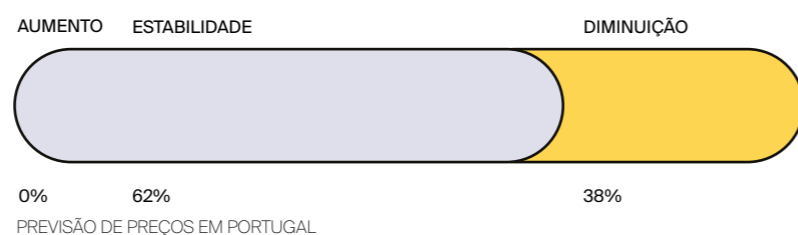
perspetivas de encomendas

As perspetivas para a carteira global de encomendas são ainda um pouco mais negativas, com um saldo de respostas extremas de -78 p.p. Apenas uma em cada cinco empresas acredita poder manter ou aumentar a sua carteira. É entre as empresas mais orientadas para os mercados externos que estas respostas positivas são mais frequentes. No entanto, globalmente, as perspetivas para as encomendas do estrangeiro não diferem das formuladas para o conjunto da carteira.



perspetivas de preço de venda

Ao contrário do que se passou no primeiro trimestre, as previsões para o segundo trimestre apontam para evoluções dos preços muito semelhantes em Portugal e no estrangeiro: 38% das empresas inquiridas acreditam que os preços irão descer, divergindo o saldo de respostas extremas apenas porque, no caso do estrangeiro, há 1% de inquiridos que preveem uma subida. As empresas com mais de 100 trabalhadores mostram-se menos pessimistas quanto à evolução dos preços do que as restantes.



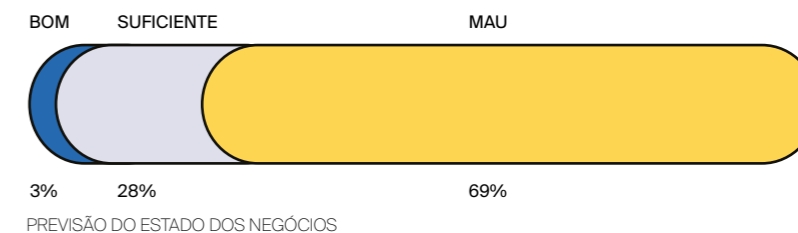
perspetivas sobre o emprego

Apesar da degradação da conjuntura, quase três quartos das empresas (72%) acreditam poder manter, no segundo trimestre, o número de pessoas ao seu serviço. No entanto, as restantes receiam quase unanimemente uma diminuição do emprego. O saldo de respostas extremas agora verificado (-26 p.p.) é o mais negativo desde meados de 2005. Também neste aspeto as maiores empresas estão menos pessimistas do que as restantes.

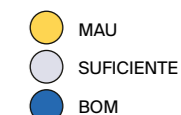
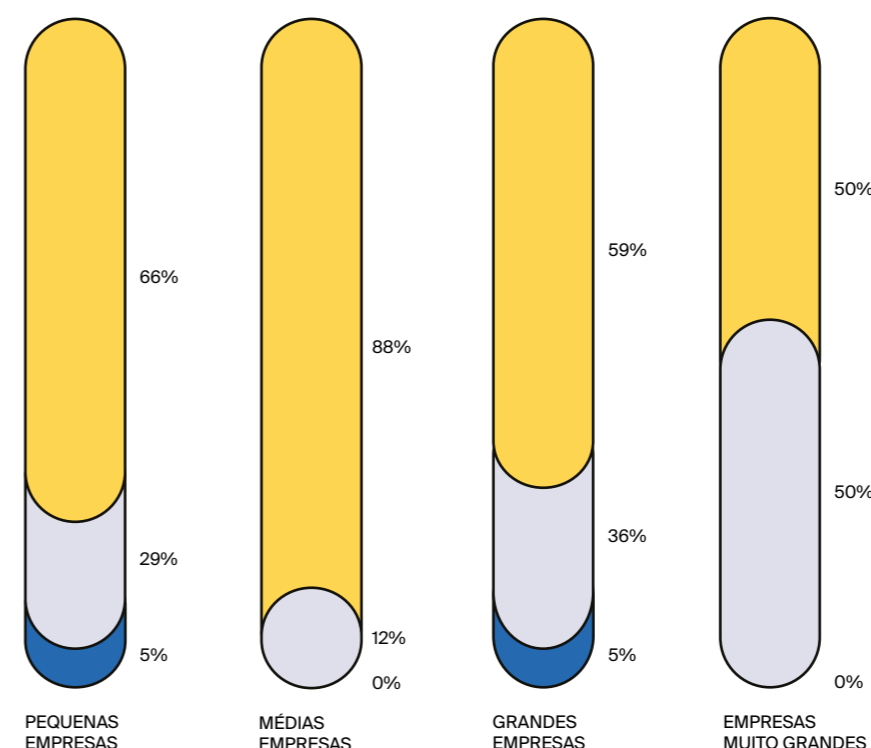


perspetivas sobre o estado dos negócios

As previsões para o estado dos negócios no segundo trimestre de 2020 são, por muito larga margem, as mais negativas alguma vez registadas nos 25 anos que leva este Boletim Trimestral de Conjuntura. As empresas que acreditam que o estado dos negócios será mau excedem em 66 p.p. as que esperam que seja bom. O pior registo anterior deste indicador foi de -23 p.p. no já longínquo ano de 2003. Em termos comparativos, 87% dos inquiridos julgam que o segundo trimestre de 2020 será pior do que o mesmo trimestre de 2019.



Tal como acontece relativamente a questões analisadas anteriormente, as previsões quanto ao estado dos negócios das empresas de maior dimensão, e das que se dedicam exclusivamente à exportação, são menos desfavoráveis do que as das restantes. No entanto, mesmo para estas empresas os saldos de respostas extremas atingem, ou ultrapassam, os 50 pontos percentuais negativos. As empresas com 50 a 100 trabalhadores são as mais pessimistas: 88% acreditam que o estado dos negócios será mau e 92% que será pior do que o mesmo trimestre de 2019.

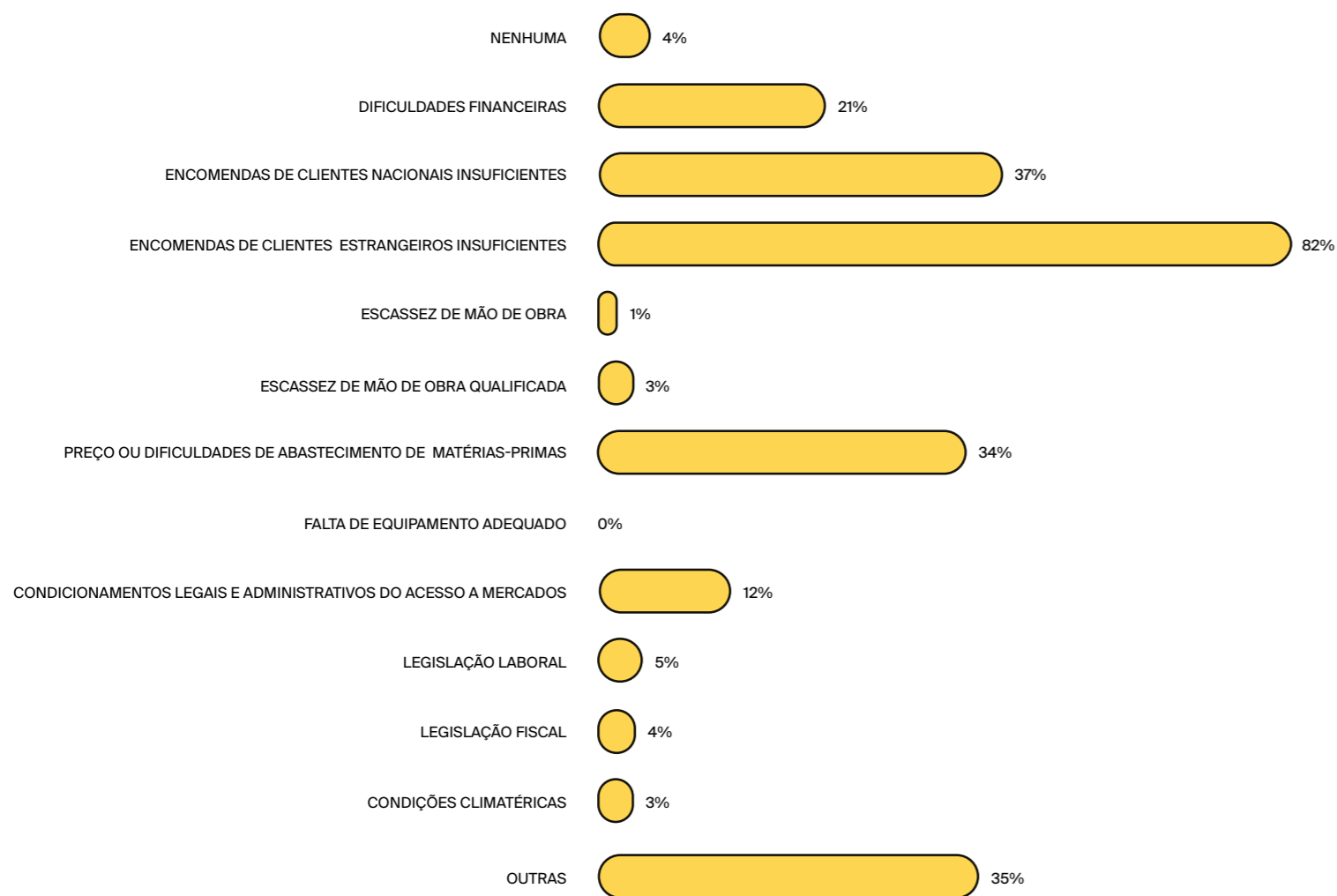


limitações previstas

Mais de 80% das empresas (82%) temem confrontar-se, no segundo trimestre, com insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros, o que representa um considerável agravamento face ao, já de si muito negativo, trimestre anterior e corresponde a um novo máximo histórico para este indicador. As empresas com mais de 250 trabalhadores são as únicas entre as quais este temor não é generalizado. A insuficiência de encomendas de clientes nacionais preocupa 37% dos inquiridos. Uma percentagem semelhante (35%) receia “outras” limitações, correspondendo quase exclusivamente à pandemia de COVID-19.

Neste contexto, são muito poucas as empresas que manifestam preocupações relacionadas com a escassez de mão-de-obra, com o enquadramento legislativo da atividade ou com as condições climáticas, aspetos que em trimestres anteriores constituíram preocupações relevantes da indústria.

Em contrapartida, cerca de uma em cada cinco empresas teme vir a debater-se com dificuldades financeiras. As empresas que não receiam nenhuma dificuldade são apenas 4%, o que constitui um novo mínimo para este indicador.



notas de conjuntura

A evolução recente e as perspetivas para o futuro próximo da economia portuguesa e internacional são fortemente marcadas pela pandemia de COVID-19.

O Instituto Nacional de Estatística revelou em meados de maio as suas estimativas para a evolução do Produto Interno Bruto (PIB) português no primeiro trimestre de 2020. Neste período, em que o impacto da pandemia só se fez sentir acentuadamente no mês de março, o PIB caiu 2,4% por comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, o que constitui o seu pior desempenho dos últimos sete anos. As exportações, variável fundamental para a indústria de calçado, tiveram uma queda ainda mais acentuada, atingindo os 5,1%. Este valor reflete, ainda assim, um desempenho relativamente favorável nos meses de janeiro e fevereiro, porque em março as exportações de bens caíram 13%, com quebras mais acentuadas para países como Alemanha, Espanha, França e Reino Unido.

O Fundo Monetário Internacional publicou em abril a edição mais recente do seu World Economic Outlook em que prevê uma forte contração da economia mundial este ano, seguida de uma recuperação significativa em 2021, se a situação de saúde pública o permitir. Diz o FMI:

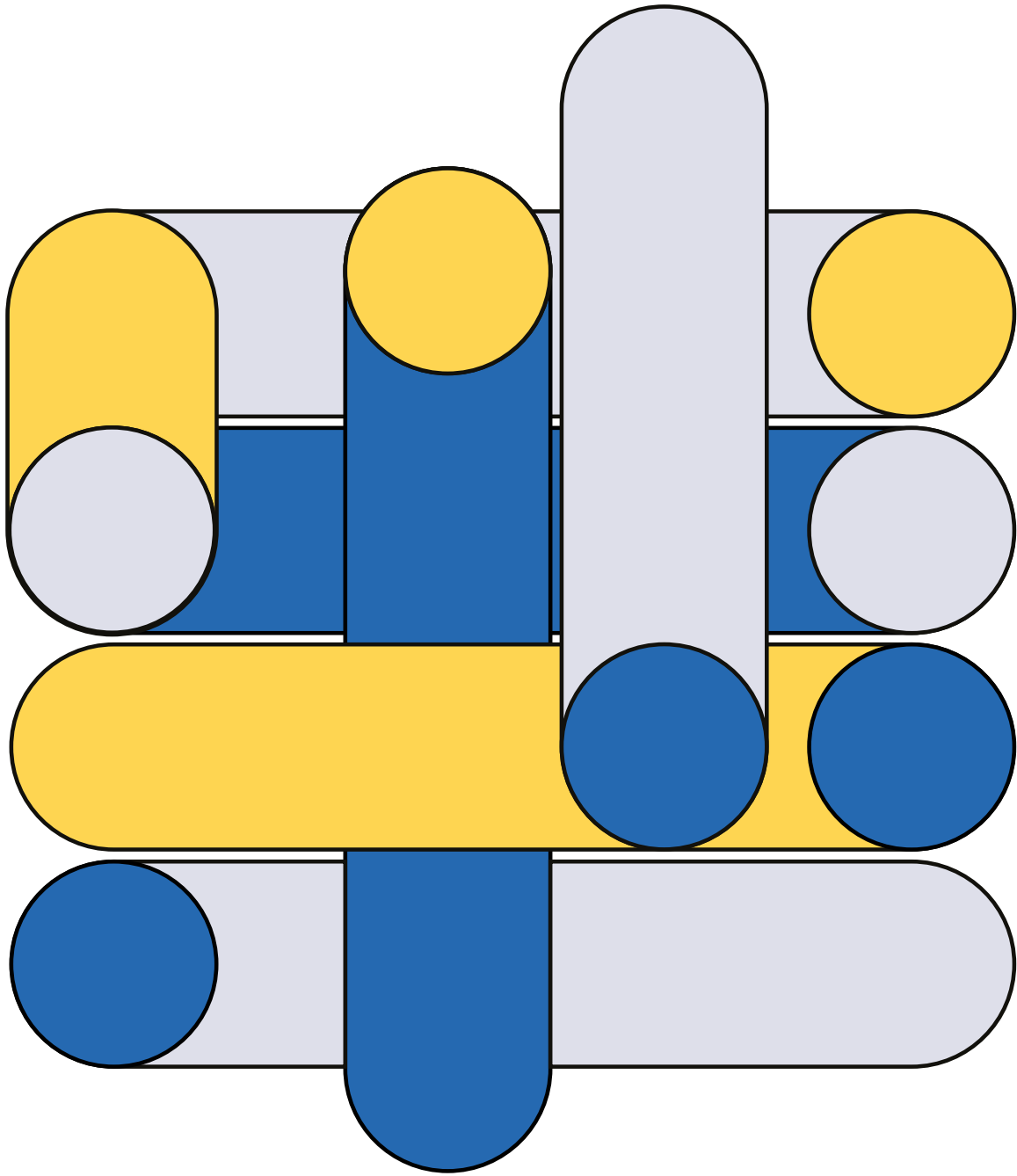
“A pandemia COVID-19 está a infligir elevados e crescentes custos humanos a nível mundial. Proteger vidas e permitir que os sistemas de saúde aguentassem exigiu isolamento, quarentenas e encerramentos generalizados para abrandar a propagação do vírus. A crise de saúde está, por isso, a ter um impacto severo na atividade económica. Em resultado da pandemia, prevê-se que a economia global se contraia acentuadamente em 3 por cento em 2020, muito mais do que durante a crise financeira de 2008-09. Num cenário base, que assume que a pandemia acalma no segundo semestre de 2020 e que os esforços de contenção podem ser gradualmente levantados, prevê-se que a economia global cresça 5,8 por cento em 2021 à medida que a atividade económica normaliza, ajudada por políticas de apoio.

As previsões para o crescimento global são rodeadas por extrema incerteza. As consequências económicas dependem de fatores que interagem de maneiras que são difíceis de prever, como a trajetória da pandemia, a intensidade e eficácia dos esforços de contenção, a extensão das perturbações na oferta, as repercussões do dramático agravamento das condições nos mercados financeiros, mudanças nos padrões de despesa, alterações comportamentais (como as pessoas evitarem os centros comerciais e os transportes públicos), efeitos na confiança, e a volatilidade dos preços das commodities. Muitos países enfrentam uma crise multidimensional, incluindo crise de saúde pública, perturbações na economia nacional, queda abrupta na procura externa, inversão de fluxos de capitais e colapso do preço das commodities. Predominam os riscos de desempenho pior [do que a previsão].”

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook, abril 2020

Para os principais mercados do calçado português, as previsões do FMI são de quebras do PIB, em 2020, variando entre os 7% e os 8%, na França, Alemanha, Espanha e Holanda.

Para Portugal, o Fundo prevê que a economia contraia 8%, o que, a concretizar-se, corresponderá a cair, num ano, tudo o que cresceu nos três anteriores. A incerteza em torno das perspetivas para a economia nacional é, no entanto, extremamente acentuada e dependente da evolução da crise de saúde pública, para a qual os economistas não têm instrumentos de previsão. Existe, por isso, uma grande disparidade entre as previsões de diferentes instituições: em março, o Banco de Portugal apresentou como cenário base uma queda do PIB em 3,7%, enquanto em maio a Comissão Europeia a estimava em 6,8%. Por sua vez, o NECEP, da Universidade Católica Portuguesa, na sua previsão de abril, apresentou como cenário central uma quebra de 10%, admitindo que esta varie entre 4%, num cenário otimista, e 20%, num cenário pessimista.



APICCAPS

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucédâneos

